VIOLÊNCIA E EXCLUSÃO SÓCIOESPACIAL EM CURITIBA

Marcelo Bordin*

Poliana Cardozo**

Rafael Prieto****

RESUMO: A violência dos espaços urbanizados tem alarmado a sociedade em geral, governos, e cientistas. No sentido de compreender esse quadro na cidade de Curitiba (Paraná-Brasil), esta reflexão propõe uma discussão da natureza e da cidade e suas relações, para passar a analisar as particularidades que levaram a cidade em perspectiva a esta situação social. Para isso valeu-se de pesquisa em fontes bibliográficas e documentais.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço Urbano; Natureza; Curitiba; Violência

1. INTRODUÇÃO

Com as atuais taxas de urbanização encontradas nas grandes cidades do Brasil e também em várias outras do planeta, as cidades contemporâneas encontram-se em tal estado de colapso no que diz respeito a determinados aspectos da sustentabilidade do ponto de vista ambiental e também nos relacionamentos entre seus moradores, ou seja: a cidade é favorável ao aparecimento de incivildades. Em alguns aspectos essas incivildades passam a ser considerada “violência” desde o aspecto jurídico-legal, transformando em crimes, em especial os violentos contra a pessoa, que mais chocam a sociedade.

Santos (1996) corrobora com a assertiva a cima quando diz que a “cidade, onde tantas necessidades emergentes não podem ter respostas, está desse modo fadada a ser teatro de conflitos crescentes”, justificando nesse aspecto a necessidade imperativa de entendimento das relações que permeiam a cidade na busca por soluções que promovam os direitos dos cidadãos.

* Licenciado em Geografia pela UFPR; Bacharel em Ciência Política pela FACINTER; Especialista em Sociologia Política pela UFPR; Pós Graduando em Saúde Pública pelo IBPEX e Mestrando em Geografia pela UFPR.

** Bacharel em Turismo pela Unioeste; Especialista em Administração Estratégica pela Unipar; Mestre em Turismo pela UCS e Doutoranda em Geografia pela UFPR. Docente da Unicentro.

*** Bacharel em Turismo pela UniCuritiba e Mestrando em Geografia pela UFPR.

Esse espaço urbano é fortemente influenciado pelo modelo econômico em que a sociedade brasileira está inserida, submetidos a um regime de acumulação do capital, aliado a percepção do mundo baseado na velocidade das informações e do consumo exagerado, fatores estes que tiram o ser humano do foco das atenções ou cria uma cultura de incivildades, fazendo com que a natureza violenta do homem seja exposta diante de qualquer pequeno fato conflituoso.

Nesse sentido, pertinente se faz concordar com Mendonça (2002, p. 121) quando diz que o cenário é de intensas e profundas crises para a humanidade, que desafiam a “sociedade em geral a encontrar novos rumos para a construção do presente futuro”. Assim sendo, debater a cidade como espaço de conflito é premente para compreender em partes os problemas pelas quais as grandes cidades passam.

Santos *apud* Diniz Filho (2004) remete ao meio ambiente urbano como uma forma da natureza, a partir do entendimento de que o sujeito está inserido nele e que de certa forma é uma natureza, pois é a partir desse meio urbano que ocorrem as trocas sociais humanas de maior intensidade e num entender mais apropriado, a cidade, é uma nova natureza.

Para Leite (1997, p. 139) a natureza inclui o homem, seus atos objetos conhecimentos, crenças, potencialidades e limites. Ainda a autora vai colocar a natureza como mutável e instável sob as leis que também transformam a sociedade, nesses termos, a:

oposição entre o natural e o construído perde sentido e interesse a partir do momento em que essa possibilidade de unificação do globo terrestre em um único sistema de serviços, informações, e comunicações, de potencial ilimitado e expansão infinita, elimina a visão do natural como espaço não-organizado, não-delimitado, desprotegido, em contraposição ao construído como espaço precisamente delimitado, controlado, protegido.

Para Leite (1997, p. 140), assim sendo, linha que separaria a cidade da natureza seria tênue, e isso não quer dizer que entre ambas havia uma integração, desejada, mas sim a redução de tudo ao urbano, onde nessa relação seria difícil separar onde começa uma e outra. Isso em função da ação da sociedade sobre o espaço natural e o construído, tornando ambos mutáveis e hostis, pois a sociedade “interpreta e utiliza a natureza estritamente de acordo com

a forma implícita de sua inserção no projeto urbano e interpreta e utiliza a cidade estritamente com o conjunto de normas e ações implícitas em seu processo de produção”.

E sendo assim, a autora assevera que a sociedade imputa preocupações frágeis em relação ao meio natural e urbano. É dizer com isso que os mesmos conflitos e desgastes que se vêm na natureza também são transferidos para a cidade. Encontra-se o espaço urbano como um local natural de conflito, seja ele de forma negativa ou positiva, entendendo que o conflito positivo é o motor de qualquer democracia.

Gomes (1997) compreende as inquietações de Leite (1997) e as explica comentando que o processo de progresso e desenvolvimento da sociedade sempre enxergou a natureza como um recurso, e colocou a cidade como centro da natureza, o que dificultou as relações do sujeito com o meio de forma geral, posto que tudo é disponível para uso como recurso, em nome do progresso.

Essa difícil relação da sociedade com o meio pode ser levada para a relação entre o sujeito e o outro (sujeito-sujeito), quando o outro é encarado como estranho, desconhecido, concorrente ou agressor. Sendo então, os mesmos cuidados despendidos à natureza e à cidade são legados ao outro: ou seja são todos atores agressivos e descuidados nessas relações entre: indivíduo, cidade e natureza, gerando os problemas ambientais, urbanos, sociais (e outros) que se vivem atualmente.

Nestes termos, pretende-se neste artigo discutir a natureza do espaço urbano enquanto território de violência, procurando debater e identificar espaços de violência na cidade de Curitiba (capital do estado Paraná), e problematizar esse espaço de violência do ponto de vista da Geografia. Pois ainda citando Leite (1997, p. 143), a natureza e a cidade separam-se da consciência social, do valor da vida, da miséria criada e agravada por um processo de urbanização que “ao não definir as funções desempenhadas pelo natural e pelo construído, reduzem-nos à mesma dimensão, estabelecendo e perpetuando uma grosseira confusão entre causas e efeitos do próprio processo urbano”.

2. CURITIBA, NATUREZA URBANA VIOLENTA?

A cidade de Curitiba após as gestões do Prefeito Jaime Lerner[†] passou a ser considerada como uma cidade planejada e que poderia ser encarada como laboratório de novas experiências urbanas, exportando para outras cidades do mundo suas experiências, entendidas pela maioria da população como benéficas de um modo geral.

Após a saída de Lerner da esfera do poder municipal, porém com a continuidade de um modelo de gestão que promoveu a imagem da cidade para o mundo (MOURA, 2004), Curitiba passou a apresentar elevação em alguns índices relativos à criminalidade e saindo da condição de cidade que era vista como tranqüila e segura.

A capital paranaense possui um espaço urbano que não reflete a natureza de sua população, caracterizado como uma cidade construída com base em várias etnias e que de certa forma não possui um enraizamento, tendo em vista essa constante influência de que seus habitantes são oriundos de outras terras, em que pesem os que já nasceram nela. Essa análise remete a uma falta de identificação com o espaço urbano da cidade construída pela junção de diversos povos europeus, porém não revelando a participação indígena ou dos escravos africanos que por lá viveram (MORAES, 1999).

Esse modelo do espaço urbano da cidade de Curitiba baseado na construção de espaços e na exclusão de seus moradores, transformando edificações em monumentos naturais, que teriam que dar identidade à cidade e que busca ser consumida apenas pelos turistas, trouxe a tona contradições entre as periferias pobres e as áreas mais abastadas e beneficiadas pelo erário público, deixando literalmente à margem as populações que mais precisam das ações de intervenção do Estado para romper com o ciclo de pobreza ou miséria.

Dessa forma, a violência urbana passa a ser um produto vendido pelas corporações midiáticas, não levando a uma discussão mais ampla, apenas favorecendo o que Glassner (1997) chama de cultura do medo, que desvia o foco dos verdadeiros problemas que se tem nas cidades.

[†] Jaime Lerner foi indicado pelo Governo Militar como Prefeito pela primeira vez em 1971, renomeado em 1979 e eleito em 1989, essa última já findada a Ditadura Militar. Lerner assume o Governo do Estado em 1995, findando seu governo em 2002, período em que incentivou a industrialização no Estado com a vinda de montadores de veículos, entre elas a francês Reanult e a alemã Audi/VW (OLIVEIRA, 2003)

A exemplo, Ventura (1994) procura demonstrar como a cidade do Rio de Janeiro atingiu na década de 1990 o ápice da violência, violência essa, bem caracterizada por uma divisão entre o morro e asfalto, entre o rico e o pobre, ou seja, o título do livro não poderia ser melhor: Cidade Partida. O que se tem hoje no Brasil são inúmeras cidades partidas, alimentando uma idéia de diferenças entre *eles* e *nós*, diferenças essas reforçadas por padrão de consumo que transforma o *ser* em *ter*, alimentando um espiral baseado em valores apenas materiais, deixando cada vez mais a capacidade de cada um de lado. Na capital do Paraná a situação não é diferente.

A cidade de Curitiba é tida como uma cidade planejada e com soluções práticas para problemas que assolam diversas áreas urbanas pelo país, inclusive vendendo idéias para outros aglomerados urbanos e até mesmo para outros países, porém não atende as demandas das populações menos favorecidas, gerando áreas que podem ser consideradas como vitrines.

Esse planejamento, por exemplo, criou uma área específicas para indústrias, como a Cidade Industrial de Curitiba, porém não levou em conta as necessidades habitacionais próximas ou de transporte de outras regiões para as fábricas, gerando um déficit de infraestrutura básica (OLIVEIRA, 2001).

Com o aumento populacional e conseqüentemente um aumento nos números relativos, a violência e criminalidade têm também um aumento nos preços dos imóveis (TEIXEIRA E SERRA, 2006) que acabam impactando na especulação imobiliária promovendo um inchaço da periferia e da Região Metropolitana de Curitiba, aumentando também a procura por loteamentos sem infra-estrutura e mesmo por ocupações irregulares, gerando conflitos entre populares contra o Estado e os especuladores.

MIR (2004) e SOUZA (2005) chamam a atenção para o estado de guerra civil em que o país mergulhou, levando em conta o elevado número de mortes violentas que ocorrem diariamente nas principais cidades, sejam acidentes de trânsito, homicídios e suicídios, resultado do processo de anomia[‡] por qual passa a sociedade.

A constante evolução nos números de mortes por causas externas (homicídio, suicídio e acidentes de trânsito) demonstra a falta de uma maior percepção de respeito com relação ao

[‡] Anomia no sentido de desregramento posto por Émile Durkheim no seu clássico estudo sobre o suicídio. (O SUICÍDIO, 1897 (2005) Martin Claret Editora, SP).

próximo e a si mesmo, sendo esse fator predominante nas sociedades ocidentais e mais evidentes nas sociedades chamadas em desenvolvimento, como o Brasil.

Na década de 1990, os homicídios foram responsáveis por 33% das mortes por causas externas no Brasil, sendo que o uso de armas de fogo teve um salto de 50% dos casos no início da década para 70% no ano de 2000 (PERES e SANTOS, 2005), demonstrando a falta de controle por parte das autoridades responsáveis pela segurança pública.

No Estado do Paraná os números não fogem a regra do restante do e a cidade de Curitiba e sua Região Metropolitana mantém o padrão do resto do país, numa constante evolução de 1980 até os dias atuais, padrão este alimentado pelo aumento da população e pela falta de perspectivas fé melhoria da qualidade de vida nessas áreas.

Atualmente o que se apresenta é um quadro não diferente dos anos anteriores, pois os números dos homicídios verificados na cidade de Curitiba continuam a subir, e atualmente os números anteriormente divulgados pelo Ministério da Saúde foram corroborados pela Secretaria de Segurança Pública do Estado do Paraná, aonde se expõe uma evolução desse tipo de crime, na comparação entre o primeiro trimestre de 2007 com o mesmo período de 2008, respectivamente 157 e 179 casos de homicídios dolosos, não entrando nesse caso as mortes decorrentes de acidentes de trânsito e os homicídios culposos[§].

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A guisa de um fechamento, mas longe de concluir, procura-se discutir de forma preliminar nesse trabalho a violência que permeia o espaço urbano da cidade de Curitiba, espaço este construído de forma a promover a segregação sócio espacial, cidade considerada exemplo para diversas outras, mas que para os seus moradores apresenta como qualquer outra exclusão e violência.

Violência esta produzida pela falta de tato das administrações municipais em lidar com as diferenças entre a cidade rica e planejada com a cidade pobre e esgarçada no espaço urbano, que não cabe no discurso oficial, e que a partir de determinado momento começa a

[§] Juridicamente os homicídios são divididos em Dolosos, aonde existe a intenção de matar alguém e os Culposos, casos em que não foi verificada a intenção de matar alguém, nesse caso as mortes de trânsito, em sua maioria são colocadas nessa última condição.

circular mais e pelas áreas ditas seguras e planejadas, visíveis apenas aos seus moradores e aos turistas.

A evolução das mortes violentas, em especial os homicídios traz a tona o debate sobre o espaço urbano, e da falta de um debate profundo e sério envolvendo toda a sociedade na busca por soluções que beneficiem todos seus cidadãos e não pequenas parcelas, detentoras de algum poder econômico.

Mas deve-se compreender a violência da cidade estudada não de forma isolada ou particular, posto que é um reflexo das relações social com o meio urbano e natural, onde tudo é visto agressivamente como recurso, sob o mote do progresso, gerando os conflitos e (não) relações que levam a quadros de violência, desigualdade e exclusão.

REFERÊNCIAS

DINIZ FILHO, Luis Lopes e VICENTINI, Yara. **Teorias Espaciais Contemporâneas: O Conceito de Competitividade Sistêmica e o Paradigma da Sustentabilidade Ambiental** in MENDONÇA, Francisco. **Impactos Socioambientais Urbanos**. Editora da UFPR, Curitiba, 2004.

DURKHEIM, Émile. **O Suicídio** (1897). Martin Claret Editora, São Paulo, 2005.

GLASSNER, Barry. **Cultura do Medo**. Editora Francis, São Paulo, 2003.

GOMES, Edvânia T. A. **Inquietação em torno do debate sociedade-natureza no espaço da cidade**. In: SOUZA, Maria; SANTOS, Milton; SCARLANTO, Francisco; ARROYO, Mônica. **O novo mapa do mundo: natureza e sociedade de hoje: uma leitura geográfica**. Hucitec: São Paulo, 1997

LEITE, Maria A. F. P. **A natureza e a cidade: discutindo suas relações**. In: SOUZA, Maria; SANTOS, Milton; SCARLANTO, Francisco; ARROYO, Mônica. **O novo mapa do mundo: natureza e sociedade de hoje: uma leitura geográfica**. Hucitec: São Paulo, 1997.

MENDONÇA, Francisco. **Geografia socioambiental**. In: _____; KOZEL, Salete (orgs). **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Editora da UFPR: Curitiba, 2002.

- MIR, Luis. **Guerra Civil: Estado e Trauma**. Geração Editorial, São Paulo, 2003.
- MOURA, Rosa. **Políticas Públicas Urbanas: Ausências e Impactos** in MENDONÇA, Francisco. **Impactos Socioambientais Urbanos**. Editora da UFPR, Curitiba, 2004.
- MORAES, P. R. B. **Preconceito, invisibilidade e violência racial em Curitiba**. Revista de Sociologia e Política, Curitiba/PR, n. 13, p. 1-24, 1999.
- OLIVEIRA, Dennison. **Urbanização e Industrialização no Paraná**. Curitiba, SEED, 2001.
- OLIVEIRA, V. Luis. **A política industrial do setor automotivo e a crítica ao modo de regulação sob o desenvolvimentismo (1995-2002): o caso do Estado do Paraná**. Tese de Doutorado em História, UFPR, Digitado, 2003.
- PERES, M. F. T.; SANTOS Patrícia Carla dos. **Evolução da Mortalidade por Homicídios no Brasil na Década de 1990: O Papel das Armas de Fogo**. Revista de Saúde Pública, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 58-66, 2005.
- SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**, 3ª Edição, Editora Hucitec, São Paulo, 1994.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. **Clima de Guerra Civil?: Violência e Medo nas Grandes Cidades Brasileiras** in ALBUQUERQUE, Edu Silvestre de. **Que País é Esse?: Pensando o Brasil Contemporâneo**. Editora Globo, São Paulo, 2005.
- TEIXEIRA, Evandro Camargo; SERRA, M. A. **O Impacto da Criminalidade no Valor da Locação de Imóveis: O Caso de Curitiba**. Economia e Sociedade (UNICAMP), v. 15, p. 175-207, 2006.
- VENTURA, Zuenir. **Cidade Partida**. Cia das Letras Editora, São Paulo, 1994.
- BRASIL, Ministério da Saúde, Data/SUS. <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/deftohtm.exe?sih/cnv/erPR.def>. Acesso em 10 de Agosto de 2007.
- PARANÁ, Estado do. Secretaria de Estado da Segurança Pública. http://www.seguranca.pr.gov.br/gestao_estatisticas.php. Acesso em 30 de Abril de 2008.